

DENTRO DO SEGREDO

UMA VIAGEM PELA COREIA DO NORTE

Análise da Obra de José Luís Peixoto



Aluno: Nuno Miguel da Silva Ribeiro
Nº Informático: 2120232
Turma: R31D
Unidade Curricular: Estudos Interculturais
Docente: Doutora Clara Sarmento

Índice

Introdução	2
Sobre o Autor	3
Sobre a Obra.....	3
Sobre a Coreia do Norte	5
Contextualização da Visita	8
Percorso da Visita.....	10
Desenvolvimento	13
Conclusão	23
Bibliografia	24

Introdução

Este trabalho semestral foi realizado no âmbito da unidade curricular de Estudos Interculturais e consiste na análise da obra escolhida, de acordo com alguns conceitos abordados ao longo de um semestre de aulas.

Neste caso, a obra escolhida por mim foi o livro *Dentro do segredo - Uma Viagem Pela Coreia do Norte*, escrito pelo afamado jovem escritor português José Luís Peixoto, cuja primeira edição foi publicada em Novembro de 2012 pela Quetzal Editores.

Escolhi-o por achar o tema da obra bastante interessante e, além disso, único, no sentido em que nos dá uma perspetiva do que se passa no interior da ditadura mais fechada do mundo, a Coreia do Norte. E nesse ponto de vista, torna-se também uma ferramenta bastante importante para estudar e compreender aquela cultura tão remota, olhando-a através dos olhos do escritor. Por fim, a obra fornece-nos uma relação de dicotomia entre as liberdades e os ideais ocidentais e a repressão norte-coreana e é um pouco essa relação que eu procurarei interpretar.

Sobre o Autor¹

José Luís Peixoto nasceu a 4 de Setembro de 1974 em Galveias, Ponte de Sor. É licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (Inglês e Alemão) pela Universidade Nova de Lisboa. A sua obra ficcional e poética figura em dezenas de antologias traduzidas num vasto número de idiomas e estudada em diversas universidades nacionais e estrangeiras. Em 2001, recebeu o Prémio Literário José Saramago com o romance *Nenhum Olhar*, que foi incluído na lista do Financial Times dos melhores livros publicados em Inglaterra no ano de 2007, tendo também sido incluído no programa *Discover Great New Writers* das livrarias norte-americanas Barnes & Noble. Foi atribuído ao seu livro *A Criança em Ruínas* o Prémio da Sociedade Portuguesa de Autores para o melhor livro de poesia. O seu romance *Cemitério de Pianos* recebeu o Prémio Cálamo *Otra Mirada*, destinado ao melhor romance estrangeiro publicado em Espanha em 2007, tendo sido finalista do prémio Portugal Telecom (Brasil) e do *International Impac Dublin Literary Award* (Irlanda). Em 2008, recebeu o Prémio de Poesia Daniel Faria com o livro *Gaveta de Papéis*. Em 2010, o seu romance *Livro venceu o prémio Libro d'Europa*, em Itália, e foi finalista do prémio Femina, em França. Em 2012, publicou *Dentro do Segredo, Uma Viagem na Coreia do Norte*, a sua primeira incursão na literatura de viagens. Os seus romances estão traduzidos em vinte idiomas.



¹ Biografia retirada do sítio oficial do escritor na Internet em www.joseluispeixoto.net

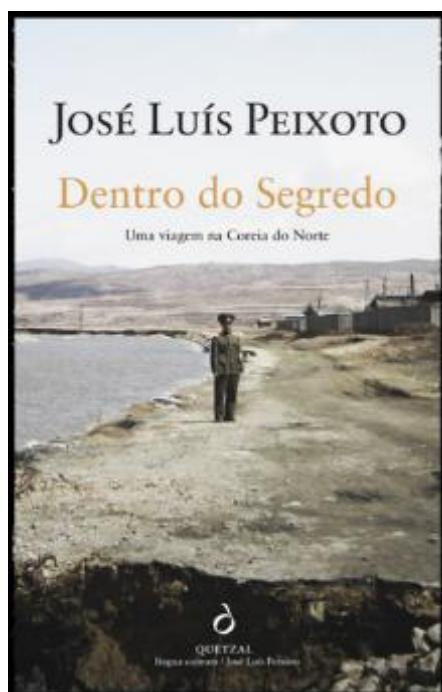
Sobre a Obra²

Dentro do Segredo – Uma Viagem pela Coreia do Norte é a surpreendente estreia de José Luís Peixoto na literatura de viagens, e um olhar inédito e fascinante que nos leva ao quotidiano da sociedade mais fechada do mundo.

Em Abril de 2012, José Luís Peixoto teve a oportunidade de assistir às exuberantes comemorações do centenário do nascimento de Kim Il-sung, em Pyongyang. Nessa ocasião, participou na viagem mais extensa e longa que o governo norte-coreano autorizou nos últimos anos, tendo passado por todos os pontos simbólicos do país e do regime, mas também por algumas cidades e lugares que não recebiam visitantes estrangeiros há mais de seis décadas.

Repleto de episódios memoráveis, num tom pessoal que chega a transcender o próprio género, *Dentro do Segredo* é um impressionante relato sobre o outro que, ao mesmo tempo, inevitavelmente, revela muito sobre nós próprios.

Dentro da ditadura mais repressiva do mundo, dentro de um país coberto por absoluto isolamento, *Dentro do Segredo*.



² Texto publicado na contracapa da 1ª edição (Novembro de 2012) do livro. Todos os direitos reservados a José Luís Peixoto e à Quetzal Editores.

Sobre a Coreia do Norte

Alguns factos

Nome Oficial: República Popular Democrática da Coreia;

Forma de Governo: República de partido único com uma casa legislativa (Assembleia Popular Suprema [687]);

Chefe de Estado e de Governo: Kim Jong-un;

Capital: Pyongyang;

Língua Oficial: Coreano;

Religião Oficial: Nenhuma;

Moeda: (Norte-coreano) won (W);

População (2013): 24,720,000;

Área Total: 122,762 km;

Percentagem de população urbana/rural (2011): urbana (60,3%), rural (39,7%);

Esperança de vida (2012): homens (65 anos), mulheres (73,2 anos);

PIB per capita (USD) (2009): 942.

A Coreia do Norte é um país situado no Sudeste Asiático, na metade norte da península da Coreia. Partilha uma fronteira com a China a norte e a noroeste. Uma pequena secção do rio Tumen forma também uma curta fronteira com a Rússia, a nordeste. A sul, o Paralelo 38, na Zona Desmilitarizada, marca a fronteira entre a Coreia do Norte e a Coreia do Sul, cuja legitimidade não é reconhecida por nenhum dos lados, sendo que ambos os Estados reclamam o direito de governarem toda a península.

A Coreia foi anexada pelo Japão em 1910. Após a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, a península foi dividida em duas partes, com o norte a ser ocupado pela União Soviética e o sul a ser ocupado pelos Estados Unidos. Em consequência, em 1948, foram formados dois governos distintos: a norte, a República Popular Democrática da Coreia, e a sul, a República da Coreia. Mais tarde, em 1950, as divergências entre os dois Estados dariam origem a Guerra da Coreia,

que durou três anos e matou centenas de milhares de pessoas. Em 1953, é assinado um armistício que as compromete a um cessar-fogo, mas este acaba por nunca ser solidificado com a assinatura de um Tratado de Paz, e por isso, tecnicamente, os dois países continuam em guerra. Em 1991, ambos os países foram aceites na Organização das Nações Unidas.

Na Coreia do Norte são realizadas eleições e os seus mais altos representantes descrevem o país como um Estado socialista autossuficiente, mas por todo o mundo este é largamente considerado uma ditadura, descrito como totalitário e Estalinista (o que não corresponde à verdade). Uma das suas características é o culto da personalidade realizado em torno dos seus líderes supremos Kim Il-sung, Kim Jong-il e Kim Jong-un. As violações dos direitos humanos que ocorrem na Coreia do Norte não têm paralelo em nenhuma outra parte do mundo contemporâneo. O Partido dos Trabalhadores da Coreia, do qual todos os políticos são obrigados a ser membros, detém todo o poder e é liderado por um membro da família Kim (atualmente, Kim Jong-un).

Com o tempo, a Coreia do Norte tem vindo a distanciar-se do movimento comunista mundial. Para isso contribuiu a introdução da ideologia *Juche* (que defende a autossuficiência nacional) na Constituição de 1972 como uma “aplicação criativa do Marxismo-Leninismo”. Em 2009, a Constituição foi de novo alterada, tendo sido eliminadas todas as referências ao Comunismo.

Os meios de produção são propriedade do Estado, assim como a maioria dos serviços (saúde, educação, habitação, etc.), geridos através de empresas públicas ou de quintas coletivizadas. Nos anos 90, a Coreia do Norte sofreu com a “Grande Fome” (conhecida no país como “árdua caminhada”) que poderá ter matado cerca de 3,5 milhões de coreanos.

Com Kim Jong-il, a Coreia do Norte adotou a política Songun, que dá prioridade ao exército acima de tudo o resto. O país é o mais militarizado do mundo, com um total de 9,495,000 pessoas ligadas de alguma forma ao exército (incluindo a reserva e pessoal paramilitar) e um número de militares ativos de 1,21 milhões. Neste parâmetro, ocupa a 4^a posição a nível mundial, ficando apenas atrás da China, dos Estados Unidos e da Índia. A Coreia do Norte possui armas nucleares.

Em 1997, a Coreia do Norte adotou o seu próprio calendário – o calendário *Juche*. O primeiro ano (*Juche 1*) corresponde a 1912, ano de nascimento de Kim Il-sung, como que simbolizando que o tempo surge com o seu nascimento. Assim, Kim Jong-il nasceu no ano *Juche 30* e o ano em que o calendário foi adotado, 1997, passou a ser designado por *Juche 86*.

Contextualização da visita

“A Coreia do Norte é o país mais isolado do mundo. Essa é, normalmente, a primeira informação que todos os livros dão acerca da Coreia do Norte.”

É por essa razão que, ainda hoje, é chamada de “o reino eremita”, nome que tinha sido dado ao Grande Império Coreano. O Império, apesar de grande, durou pouco tempo – entre 1897 e 1910, ano em que foi anexado pelo Japão.

Em Dezembro de 2011, a morte de Kim Jong-il preocupou José Luís Peixoto, que tinha dois filhos e não queria ser apanhado no meio de uma demonstração de força como as que muitas vezes são levadas a cabo por ditaduras que atuam de forma imprevisível quando fragilizadas, que é o caso da Coreia do Norte.

O pacote turístico comprado por José Luís Peixoto a uma empresa com escritório em Pequim dava pelo nome de *Kim Il-sung 100th Birthday Ultimate Mega Tour (Ultimate Option)*, uma visita extraordinariamente extensa, de quinze dias, que o governo norte-coreano iria permitir graças ao centésimo aniversário do nascimento de Kim Il-sung. Nesses quinze dias, para além de testemunharem as comemorações do centenário e de visitarem todos os lugares mais emblemáticos da Coreia do Norte, passariam também por algumas cidades pouco visitadas e até por algumas fábricas que nunca tinham recebido estrangeiros.

Tivera à sua disposição uma alternativa, realizada em Fevereiro de 2012 por ocasião do 70º aniversário de Kim Jong-il e que também teria uma longa duração (10 dias), mas que seria levada a cabo pela Associação de Amizade com a Coreia, uma instituição profundamente ligada ao Estado. José Luís Peixoto colocou esta opção de parte precisamente devido a essa ligação intrínseca, pois temia que a viagem fosse ainda mais fantasiada do que aquilo que já inevitavelmente seria.

Em Abril de 2012, a Coreia do Norte foi constantemente referida nos canais internacionais de notícias graças à morte de Kim Jong-il mas, principalmente, devido às suspeitas de que a Coreia do Norte pudesse estar a testar mísseis de longo alcance. Kim Jong-un foi prontamente anunciado como o sucessor do pai, tranquilizando assim a população e a comunidade internacional, e no que aos

mísseis dizia respeito, o país negou todas as acusações e afirmou tratar-se apenas do lançamento de um satélite civil.

José Luís Peixoto vive em Portugal, um país democrático e pleno de liberdades constitucionais, embora em crise económica quase perpétua. Contudo, é um país que, em termos ideológicos e sociais, contrasta quase inteiramente com a Coreia do Norte.

DEMOCRATIC PEOPLE'S REPUBLIC OF KOREA

Percorso da Visita



Pyongyang:

- Grande Monumento da Colina Mansu;
- Museu da Revolução Coreana;
- Parque Moranbong e Colina Moran;
- Arco do Triunfo de Pyongyang (“como o de Paris, mas maior”);
- Festival da Kimilsungia e Exposição da Amizade Internacional;
- Hotel Yanggakdo, na ilha Yanggak, em Pyongyang (onde José Luís Peixoto ficou hospedado);
- Museu e Monumento da Vitoriosa Guerra de Libertação da Pátria;
- Hotel Ryugyong;
- Pueblo (navio da marinha americana capturado em 1968);
- Monumento das Três Cartas para a Reunificação Nacional;
- Em Mangyongdae, a casa de Kim Il-sung e a Vila Desportiva;
- Praça Kim Il-sung e Livraria de Línguas Estrangeiras de Pyongyang;
- Torre da Ideia *Juche*;
- Monumento da Fundação do Partido dos Trabalhadores da Coreia;
- Cemitério dos Mártires, Escola Secundária 9 de Junho e um parque de diversões.

Kaesong:

- Zona Desmilitarizada, Paralelo 38 (fronteira entre as Coreias) e visita a um “suposto” muro construído na fronteira pela Coreia do Sul nos anos 70;
- Museu Koryo e túmulos da dinastia Koryo;
- Monte Janam.

Nampo:

- Siderurgia Chollima;
- Fábrica de Vidro da Amizade;
- Barragem do Mar do Oeste.

Outros Destinos:

- Museu das Atrocidades Americanas (Sinchon);
- Grande Teatro de Hamhung (Hamhung);
- Monte Okryon e Rio de Pedra (Região do Pujon);
- Fábrica de fertilizante e cooperativa agrícola (Hungnam);
- Lago Sijung-ho, Monte Kungang e Lagoa Samil (Tongchon);
- Campo Internacional do Sindicato das Crianças de Songdowon;
- Grande Muralha da China, um bar, uma discoteca e uma viagem de barco pelo Rio Yalu (Dandong, China).



Desenvolvimento

“Na velha tradição da viagem sem finalidade, pelo prazer e pela aventura”, escreveu Graham Greene referindo-se ao livro *Grande Bazar Ferroviário* de Paul Theroux. Porém, podia perfeitamente ter sido redigida após a leitura de *Dentro do Segredo*, de José Luís Peixoto. É ele o primeiro a afirmá-lo, numa entrevista publicada no sítio online do *Jornal i* em 27 de Novembro de 2012: “O grande motivo [da viagem à Coreia do Norte] foi justamente encontrar um desafio que me estimulasse, a possibilidade de ir a um país de tão difícil acesso.”³ Não viajou em negócios. Não foi visitar familiares. Foi simplesmente uma viagem turística, uma aventura única da qual pretendia desfrutar ao máximo.

E como surgiu essa vontade de viajar até à Coreia do Norte? Nas primeiras páginas do seu livro, José Luís Peixoto conta que pouco mais de um ano antes, em Los Angeles, tinha conhecido um homem chamado Chiwan, depois de terem participado juntos numa leitura pública em Glendale. Chiwan tinha sido a primeira pessoa de origem coreana que ele alguma vez conhecera. Os seus pais tinham fugido da Coreia do Norte para o Paraguai quando este era ainda uma criança, permanecendo aí durante cinco anos, antes de se mudarem para Los Angeles. José Luís Peixoto manteve-se em contacto com Chiwan, discutindo com este alguns aspetos como, por exemplo, o seu regresso pela primeira vez desde os seus cinco anos à península coreana em 1989, ocasião em que sentira o impacto de estar numa cidade onde todos se assemelhavam fisicamente a si. José Luís Peixoto refere que o seu desejo de visitar a Coreia do Norte poderá ter nascido da sua vontade de estar num lugar onde ninguém fosse parecido consigo (p.22).

Contudo, o seu interesse pelo país estendia-se muito para além disso. Na mesma página, José Luís Peixoto revela que sempre se interessara por sociedades fechadas e sistemas políticos totalitários, apesar de ser absolutamente contra este tipo de regimes, como não se cansa de afirmar no seu livro. O seu interesse não residia tanto na compreensão do contexto político, mas sim na percepção do quo-

³ Para consultar a entrevista completa, ver: <http://www.ionline.pt/artigos/portugal/jose-luis-peixoto-coreia-norte-tem-mais-nazismo-estalinismo>

tidiano das pessoas que viviam nessas sociedades.

Assim, tomada a decisão, José Luís Peixoto começou a preparar-se para a viagem, lendo tudo e vendo todos os documentários que conseguia encontrar sobre a Coreia do Norte. Logo nesse primeiro momento de introdução à cultura coreana, verificou como era difícil evitar a formação de juízos de valor em relação a alguns elementos da cultura popular daquele país. Refiro-me à cultura popular enquanto “folclore”, isto é, uma cultura regional, tradicional e cujas manifestações são produzidas pela comunidade e para a comunidade, sem fins lucrativos primordiais, ligada à economia de subsistência no mundo rural e piscatório e ao setor primário da economia. Na Coreia do Norte, a esta definição de cultura popular enquanto folclore poder-se-ia acrescentar a sua conotação político-ideológica, ao contrário do que acontece noutras países, nomeadamente no Ocidente.

Alguns exemplos desta cultura popular de cariz político e ideológico são os relatos das muitas proezas dos líderes e até de factos um pouco dúbios relativos ao seu nascimento e morte. Tomemos mais concretamente o exemplo do nascimento de Kim Jong-il. José Luís Peixoto conta-nos que Kim Jong-il “nasceu numa cabana no monte Paektu, a elevação mais alta do território e, nesse momento, uma estrela cadente atravessou os céus e transformou o Inverno em Verão, surgindo no ar um bem definido arco-íris duplo.” (p.28). Este relato é o que consta na sua biografia oficial e exemplifica a conotação política desta narrativa cultural. Outra das histórias preferidas de José Luís Peixoto relata a proeza de Kim Jong-il na inauguração do primeiro campo de golfe de Pyongyang, em que precisou de apensar de uma tacada para cada um dos onze buracos do campo, fazendo onze *hole-in-one* consecutivos. Assim o garantem os guarda-costas e outros dignitários que testemunharam a façanha. No fim de tudo, o “querido líder” achou o jogo demasiado fácil e desistiu de jogar (p.29).

Estas duas histórias e muitas outras que circulam na cultura coreana através da literatura, música, arte, mitos, provérbios, lugares-comuns, ficção popular, novelas e publicidade e outros meios são designados por discurso ou narrativa cultural.

No caso da Coreia do Norte, todos estes meios de veiculação do discurso

ou narrativa cultural têm uma conotação política. Toda a literatura disponível ou tinha sido escrita pelos líderes ou versava sobre eles, como testemunhou José Luís Peixoto na sua visita à Livraria de Línguas Estrangeiras, onde comprou diversos volumes (p.123). Todas as músicas louvavam os líderes ou exaltavam os valores da Revolução, como o escritor refere por altura da sua visita ao Parque Moranbong, enumerando alguns títulos (pp. 65 e 66). É o que acontece com as óperas revolucionárias que José Luís Peixoto descreve como não fugindo à regra e tendo “uma mensagem política óbvia, primária, contada através de um enredo trágico e ingênuo”. Neste caso, apesar de as óperas não serem tão populares junto dos norte-coreanos como os outros géneros, é dito que os líderes se empenharam pessoalmente neste género. “Alegadamente, escreveram e compuseram as mais famosas.” (p.66). Em geral, toda a arte gráfica tem os líderes como protagonistas ou serve de veículo a mensagens propagandísticas, de que são exemplo os chamados “panoramas”, que “consistem num espaço com uma parede redonda, completamente pintada com um cenário que, com a ajuda de iluminação adequada, efeitos sonoros e de alguns objetos, pretende transmitir a sensação de se estar num determinado sítio” (p.90) e, em geral apresentam imagens alusivas ao heroísmo e estoicismo do povo norte-coreano. No que diz respeito aos meios de comunicação de massas, apenas existe um canal de televisão, estatal, absolutamente controlado pelo regime a todos os níveis. É aqui que mais se nota a criação e veiculação de um discurso que serve um determinado objetivo. Nunca há más notícias na televisão estatal coreana, ou, se as há em algum momento, são obviamente culpa das potências exteriores, especialmente dos Estados Unidos ou do Japão. Todas as notícias são escritas minuciosamente de modo a transmitirem a mensagem certa de glorificação do país e incentivo à lealdade ao regime.

Todos estes meios são colocados ao dispor da cuidadosa construção do maior culto da personalidade da História da Humanidade, que eleva os membros da família Kim praticamente ao estatuto de deuses.

José Luís Peixoto menciona no seu livro um par de revistas, uma em inglês e outra em coreano, que lhe foram dadas para ler durante o voo para Pyongyang. Na primeira metade da revista em inglês, havia artigos que remetiam para a união do povo e para a sua tristeza pela morte de Kim Jong-il, fechando com um outro

artigo sobre a solidariedade dos líderes mundiais para com o luto da Coreia do Norte, para depois, na segunda metade, os louvores serem transferidos para Kim Jong-un, representando sempre a Coreia do Norte como um país próspero e desenvolvido (pp.42 e 43). José Luís Peixoto folheou estas revistas com uma certa curiosidade, uma curiosidade que ele dirigiu a tudo o que lhe foi mostrado naquela viagem, mas também com alguma desconfiança, afirmando que as revistas tinham “sobretudo fotografias de situações ideais num mundo hipotético” (p.41).

Esta desconfiança leva-me a voltar um pouco atrás, à dificuldade que ele sentiu ao longo de toda a viagem para evitar formar imediatamente juízos de valor em relação ao que observava. Essa dificuldade não é surpreendente, uma vez que todas as pessoas têm uma tendência quase inata para julgar aqueles que são diferentes. Isto acontece porque cada sociedade tem as suas “estruturas de pensamento” próprias.

“Estruturas de pensamento” (*structures of feeling*) são, segundo Raymond Williams em *The Long Revolution*, certos valores e atitudes que devem ser partilhados por um grupo ou sociedade, por vezes tacitamente, de modo a facilitar a comunicação entre os seus membros. É normal que estes valores e atitudes sejam diferentes de grupo para grupo, assim como é normal que as pessoas de um determinado grupo tenham uma tendência a julgar e criticar tudo o que difere das suas próprias “estruturas de pensamento”. No caso de José Luís Peixoto, a maneira como analisa o que vê na Coreia do Norte está “contaminada” pelas “estruturas de pensamento” da sociedade portuguesa que, mais tarde, o levam a criticar de forma mais ou menos velada algumas das situações que testemunha. Um exemplo disto foi o vislumbre de um “laboratório” na Siderurgia Chollima, que não era mais do que uma sala com uma bancada de cimento, sobre a qual “havia um pequeno monte de frascos de vidro, uma caneca de plástico, uma máquina desligada da luz e uma balança antiga, com pequenos pesos (...) [e] uma caixa de plástico de onde a mulher tirava colheres de pó branco”, e que o escritor português classificou numa “palavra: ridículo” (pp. 145 e 146). Em Portugal, é inconcebível montar aquele género de encenações, sendo altamente reprovável e podendo até ser considerado um crime, consoante sejam mais ou menos inócuas.

Além das “estruturas de pensamento”, há ainda outros fatores que influenciam a forma como percepcionamos outras culturas e sociedades, como as representações (imagens e discursos impostos através dos *media*, do senso-comum e dos estereótipos vigentes na cultura de origem).

O senso-comum é uma espécie de regulamento tácito que atua como uma ideologia – por vezes extremamente repressiva – nas práticas e representações do quotidiano. Os estereótipos são representações simples que reduzem os indivíduos a um conjunto de características exacerbadas e geralmente depreciativas. Tudo isto tem o poder de distorcer a interpretação que fazemos das outras culturas e foi, inadvertidamente, isso que aconteceu a José Luís Peixoto, por muito que ele se tenha esforçado para contrariar essa tendência. Aconteceu-lhe a partir do momento em que começou a assistir às notícias dadas sobre a Coreia do Norte nos canais noticiosos ocidentais que, quer se queira, quer não, são, como tudo, um pouco tendenciosos, por analisarem as informações à luz dos prismas ocidentais. E aconteceu-lhe no momento em que começou a ler todos os livros que conseguiu encontrar sobre o país, depois de tomar a decisão de o visitar. Invariavelmente, todas as fontes eram exteriores à Coreia do Norte e algumas delas não eram sequer factuais, existindo sempre um tom de crítica ou de elogio, raramente imparcial.

Apesar de tudo, e ainda nesta temática das “estrutura de pensamento”, José Luís Peixoto testemunhou um momento que considerou ser quase impensável na sociedade portuguesa. Na visita ao metro de Pyongyang, José Luís Peixoto reparou em dezenas de crianças (as mais novas com idades entre os 5 e os 6 anos) que apanhavam o metro sozinhas e sem demonstrarem qualquer medo (ps.85 e 86). Além disso, ao longo de toda a viagem reparou também na forma carinhosa com que os mais velhos tratavam as crianças. Contudo, havia também diversas demonstrações de carinho – abraços, mãos dadas – independentemente do género dos indivíduos, entre adolescentes, adultos ou crianças. Para José Luís Peixoto, foi essa ternura, que se repetia ao longo dos dias, que amenizava todos os outros aspectos da paisagem. “Não é quantificável, como o Produto Interno Bruto, o número de médicos por mil habitantes, mas acredito que é igualmente uma marca de desenvolvimento civilizacional.” (p.86). Por outro lado, todas aquelas

demonstrações de carinho e ternura tiveram também o condão de ensinar uma importante lição a José Luís Peixoto: “Num mundo imperfeito, não há ninguém que esteja sempre certo.” (p.86).

Esta é uma realização importante, pois muitas vezes há a tendência de entendermos a nossa cultura (ocidental) como a única “civilizada”, noção que está intrinsecamente relacionada com o conceito de etnocentrismo. O etnocentrismo refere-se à sobrevalorização do grupo e da cultura local, regional ou nacional a que pertencem os indivíduos, completada por uma consequente desvalorização de culturas e organizações sociais diferentes. Na Coreia do Norte, este conceito faz todo o sentido, tendo em conta que o regime procede a uma constante exacerbação da própria cultura em detrimento das restantes, o que faz com os norte-coreanos acreditarem piamente que vivem no país mais desenvolvido e próspero do mundo.

Por sua vez, conceito de “civilização”, implica a existência de um “outro” que é geralmente considerado “selvagem” e também de um povo ou cultura “superior” e um outro “inferior”, de um “culto” e de um “inculto”. Este binómio que se cria supõe também que os povos “inferiores”, “incultos” e “selvagens” aceitam a orientação e o saber oferecidos pelos povos “civilizados” de forma acrítica e grata. Era Matthew Arnold quem defendia, no séc. XIX, que o dever daqueles que já possuem a chamada “cultura erudita” era assegurarem que esta era transmitida às massas, que, caso contrário, correm o risco de se refugiarem numa forma de cultura inferior. Ao longo do tempo, tem sido esta distinção entre “civilizado” e “selvagem” que tem estado na origem das mais diversas manifestações de desigualdade, opressão, racismo e colonialismo.

Na Coreia do Norte, isto está bem patente numa das fases mais negras da sua história: a ocupação japonesa entre 1910 e 1945 (pp.25 e 26). Nessa altura, a distinção entre Norte e Sul ainda não era uma realidade, e o Japão, atribuindo mais valor à sua própria cultura que à da Coreia (já para não mencionar as suas ambições expansionistas), decidiu anexar a península coreana. O que sucedeu nos anos que se seguiram foi uma demonstração escabrosa da colocação em prática da dicotomia “civilizado/selvagem”. A anexação foi tão violenta e injustificada que esse é, ainda hoje, um dos poucos pontos sobre os quais os dois ocupantes

da península coreana conseguem chegar a um acordo. Durante esses 35 anos em que Coreia não pertenceu aos coreanos, estes foram cometidos uma série de abusos por parte dos japoneses, que chegaram mesmo ao ponto de proibirem o uso da língua coreana e do seu alfabeto, o *hangul*. Para além disso, lançaram-se ainda numa iniciativa de reescrever a história coreana, de modo a construir uma versão que justificasse a presença japonesa na península e levaram para o Japão centenas de milhares de artefactos históricos, além de terem destruído ou revisto documentos, poemas ou canções e deslocado monumentos inteiros, como nos conta José Luís Peixoto sucintamente. Toda esta campanha resultou “na desumanização dos coreanos aos olhos dos japoneses” (p.26) que, por sua vez, justificou atos de残酷de extrema.

Aqui está também presente uma relação estrita entre cultura e poder, uma presença que é constante ao longo da história da Coreia do Norte, num primeiro momento, através da ocupação japonesa, e, já depois da formação definitiva da República Popular Democrática da Coreia, através do próprio regime norte-coreano.

E qual a razão desta presença tão marcada?

A relação entre cultura e poder assenta na noção de que é na cultura que se formam os discursos através dos quais um grupo social ou comunidade legitima o seu poder sobre outra, apesar de ser também na cultura que o poder e os seus discursos podem ser contestados e modificados.

Como já referi anteriormente, assim que os japoneses anexaram a Coreia, tentaram modificar a narrativa cultural deste povo, assim como a sua história, de modo a legitimar a sua invasão. A partir do momento em que a Coreia se torna num Estado independente, a seguir ao fim da Guerra da Coreia (1950-1953), foi o próprio regime liderado por Kim Il-sung que começou a utilizar a cultura para impor a sua ideologia ao povo, através dos meios que já explicitei no início (livros, música, arte, publicidade, etc.), algo que ainda se mantém até aos dias de hoje.

Além disso, o governo norte-coreano controla todos os aspectos da vida quotidiana do povo, incluindo quem entra e quem sai do país. Por exemplo, José Luís Peixoto conta-nos que apenas os funcionários do governo podiam ser donos

de carros privados, assim como era o governo que atribuía às famílias as suas casas, decidindo até certos traços da sua decoração (como é o caso de uma parede da sala de estar que deve, em todas as casas, estar decorada com os retratos de Kim Il-sung e Kim Jong-il). Na mesma entrevista ao *Jornal i*, o escritor revela que a maior parte dos bens com que as pessoas vivem são atribuídos pelo governo, facto que não tinha sido incluído no livro. O povo está dependente do governo, e essa dependência é uma maneira do governo assegurar a sua manutenção no poder.

Para além de controlar tudo o que se passa no interior das fronteiras, o governo norte-coreano procura também controlar o modo como as pessoas do resto do mundo olham para o país. O facto de, segundo o próprio, José Luís Peixoto e os seus companheiros de viagem apenas terem autorização para tirar fotografias em determinados locais pré-definidos, de modo a que não pudesse trazer para o Ocidente imagens que pudesse comprometer a reputação do regime, é um bom indicador desta tentativa de controlo generalizado. Normalmente, o que tentavam esconder era a ruralidade do interior do país e as condições precárias em que viviam a maioria das pessoas. Afinal de contas, a maioria dos norte-coreanos subsiste à custa da agricultura.

Sob o controlo apertado da família Kim, a sociedade norte-coreana tornou-se um viveiro de racismo, onde grassam o essencialismo e as nivelações qualitativas.

O essencialismo resume-se a marcar toda a identidade e existência de uma pessoa com base apenas numa única característica particular. Por exemplo, para os norte-coreanos, os americanos nunca passarão de assassinos imperialistas, segundo a tradução que a menina Kim (a guia que acompanhou José Luís Peixoto e os outros ao longo de toda a viagem) fez das palavras do militar que acompanhara o grupo na excursão à Zona Desmilitarizada. Sempre que o militar referia “imperialistas” ou “assassinos”, a guia traduzia por “americanos” (p.100) e, à luz dessa imagem extremamente negativa e imutável, mesmo com o passar do tempo, os viajantes americanos tinham ainda menos liberdades que os outros – no fim da viagem, chegada a hora de deixar a Coreia do Norte, os americanos que viajavam com José Luís Peixoto “não puderam ir de comboio, tiveram de ir de

avião” (p.13).

As nivelações qualitativas ocorrem quando olhamos para o coletivo de um povo como uma massa homogénea. No caso desta obra de José Luís Peixoto, que se debruça sobre a Coreia do Norte, podemos ir buscar o mesmo exemplo utilizando há pouco na explicação do essencialismo da sociedade norte-coreana: os americanos. Para os norte-coreanos, todos os americanos são porcos imperialistas e assassinos, facínoras que têm prazer na tortura e morte de mulheres e crianças. Esta noção e a de essencialismo estão profundamente interligadas. Da mesma forma, as nivelações qualitativas desempenham um papel importante na construção social da identidade.

Na Coreia do Norte, pelo que se infere a partir do livro de José Luís Peixoto, a identidade dos indivíduos não é tanto ditada pela sociedade, mas sim pelo Estado, que controla também – para além de tudo o que já foi referido – as expectativas, direitos (muito poucos) e obrigações impostas aos cidadãos. Neste caso, a possibilidade de escolha e autodeterminação são constrangidas pelas leis impostas pelo regime.

Contudo, pela positiva, o povo norte-coreano pode ser visto como uma massa bastante homogénea, porque, de facto, fisicamente e falando de uma forma muito genérica, são todos muito parecidos, algo que pode ser observado através da visualização de imagens dos chamados Jogos de Massas Arirang (um evento desportivo em que os participantes exibem “acrobacias, danças e ginásticas sincronizadas e geométricas, formando padrões, coloridos através das roupas ou de adereços” [p.119]). Até para os próprios norte-coreanos essa poderá ser uma boa oportunidade de se aperceberem da sua homogeneidade enquanto povo. José Luís Peixoto acrescenta ainda que, sempre que são realizados no país eventos ou manifestações daquele género, as pessoas são organizadas de modo a parecerem semelhantes até ao mínimo detalhe. O autor afirma que, durante um desses eventos, enquanto assistia ao fogo-de-artifício comemorativo do centenário de Kim Il-sung, chegou, a certa altura, a sentir-se norte-coreano, mais um entre a massa homogénea, invisível (pp.227 e 228).

Por fim, José Luís Peixoto comenta que, durante a estadia na Coreia do Norte, estando absolutamente incontactável e quase sem qualquer possibilidade

de contactar os seus parentes e amigos mais próximos (apenas podendo telefonar aos seus filhos raramente e a preços exorbitantes), sentiu como se estivesse a experienciar um tipo de morte. Afinal de contas, para alguém que vem de uma sociedade tecnológica como a portuguesa, em que ao premir de dois ou três botões se consegue chegar à fala com qualquer pessoa que queiramos, a adaptação àquele ambiente isento até da tecnologia mais básica deve ser bastante complicado. E esse foi o grande desafio de José Luís Peixoto.

Conclusão

Ao ler *Dentro do Segredo*, somos transportados para um mundo e uma realidade completamente diferente da nossa. Porém, apercebemo-nos que, tal como nós sabemos pouco ou nada sobre a vida quotidiana dos norte-coreanos, o mesmo acontece no sentido inverso. Então, o livro transforma-se não só num relato sobre uma cultura desconhecida, mas também sobre a experiência de adaptação forçada (ainda que temporária) à vivência dessa mesma cultura.

Para poder ter acesso à Coreia do Norte, José Luís Peixoto teve de se sujeitar às mesmas regras que regem a vida dos norte-coreanos, o que, hoje em dia, não é prática comum no turismo. No turismo tal como o conhecemos hoje em dia, os turistas são normalmente livres de circular por onde querem, de fazerem o querem e de verem o que querem, mas tal não acontece num país tão fechado como a Coreia do Norte. Ali, não são permitidos telemóveis, nem qualquer espécie de documento impresso. Ali, há apenas uma lei, apenas uma voz – a do regime, que tudo controla.

José Luís Peixoto deixou a Coreia do Norte com o sentimento de quem deixa uma prisão após cumprir a devida pena, deixando para trás todos os outros presos (neste caso, os norte-coreanos).

Por outro lado, neste livro, e ao contrário do que seria esperado, encontramos uma sociedade que vive de forma serena e agradável, parecendo saída da imaginação de Alberto Caeiro, onde “pensar é estar doente dos olhos”. Vive-se em paz, apesar das dificuldades, porque, afinal de contas, não se pode sentir falta do que nunca se teve, quer em termos materiais, quer em termos de Direitos Humanos fundamentais.

Bibliografia

<http://www.joseluispeixoto.net/>

<http://www.britannica.com/>

<http://www.ionline.pt/artigos/portugal/jose-luis-peixoto-coreia-norte-tem-mais-nazismo-estalinismo/pag/-1>

Conceitos teóricos retirados dos Textos de Apoio da Unidade Curricular de Estudos Interculturais (curso de Assessoria e Tradução), do ano letivo 2014/2015, compilados pela Doutora Clara Sarmento.